

## RESENHA DO LIVRO

# KA: A Sombra da Alma

Performance e Xamanismo no Espetáculo de Renato Cohen,  
*de Samira Br*

por Ana Goldenstein Carvalhaes\*

Cohen era poeta da cena. Apesar de se debruçar sobre a arte da performance e resistir de maneira quase preconceituosa ao teatro, muito de sua obra é o que entendemos por teatral. Claro que não “apenas” teatral, pois seus textos teóricos buscam dar conta das diferentes experiências e processos artísticos que alargam as fronteiras do teatro, da performance – daquilo que chamamos de trabalho performativo, *work in process*, *work in progress*, processo performático etc. Renato Cohen enfrentou muita resistência às suas propostas nos meios em que circulava; hoje ele está na bibliografia de pesquisadores de diferentes campos do saber que se debruçam sobre os estudos performativos e performáticos. Samira Br, neste livro, expõe a prática de um fazer e pensar performance que contamina diversos espaços artísticos contemporâneos e reverbera de forma especial no pesquisador das artes cênicas. Descrito com acuidade, o processo da montagem de Ka, texto de Velimir Khlébnikov, conduzida pelo encenador Renato Cohen em 1998, deve ser lido como fonte de inspiração para outros trabalhos de natureza criativa.

Há poucos registros escritos do trabalho prático de Cohen. Um tipo raro de produção e criação artística, que dá vida a intensidades e universos de pensamento, científico e artístico, propondo o pensar e o fazer articulados. Cohen

deixou ativos após sua morte dois grupos de teatro performativo que exploram o não racional ou outras formas de racionalidade: a Cia. Teatral Ueinz e o Mídia Ka, cuja origem é aqui contada. A Publicação deste livro é festejada por todos. Precisamos de diferentes visões de Renato Cohen para refletir, criticar e ir adiante na produção da arte experimental. A voz de Samira Br é fundamental: ela esteve perto de Cohen em diversas experimentações e, aqui, registra uma reflexão amadurecida sobre a primeira montagem feita pelo Mídia Ka (na época apenas KA) a partir da cena xamânica, mitológica. Nesse processo de criação através do ritual e da performance de conteúdos pessoais, há um delicado trabalho de transformar as viagens xamânicas iniciáticas em experimentações cênicas e formas teatrais significativas. Atravessa a pelo o processo performático, com eficácia simbólica – que oferece transformação real.

O fato desse processo criativo ter sido também para Renato Cohen uma experiência nova faz deste livro um texto único. Foi o primeiro trabalho de Cohen com o pesquisador e xamã Lynn Mario – parceria que posteriormente renderia diversas produções importantes da cena paulista; um encontro prolífico, pois ambos trabalhavam com formas criativas do exercício da alteridade.

O xamanismo de Lynn Mario é distinto da religião e da superstição, alheio ao transe ou possessão. Embora Cohen procurasse o xamanismo, ele nunca deixou de se posicionar e questioná-lo com ceticismo, praticando-o de forma própria. Seu feitiço foi transformador em Cohen e em todos que participaram dessa e das montagens seguintes.

A prática xamânica delinea-se como uma via da “iconoclastia espiritual”, avessa às ortodoxias religiosas, à semelhança da ação performática, inscreve-se nos mecanismos da ritualização (...). São instaladas guias, estabelece-se a comunicação mítica, o contato com arquétipos, a comunicação não verbal. (Cohen, 2000, p. 129)

Mas como traduzir e transformar uma experiência intensa do corpo sutil, construída nos rituais xamânicos, em arte?

Proposto para pôr em dinâmica o diferente, “o xamanismo enquanto prática de veiculação de realidades paralelas, onde o atuante é o informante de outros mundos revelados, é um poderoso dispositivo de permeação com a alteridade”, diz Samira.

O percurso que Samira descreve, do ator em ator-neófito, neófito e performer, é instigante. É a própria gênese da persona. E ela o faz de forma muito interessante, fluida, vasculhando as experiências práticas, descrevendo exercícios raros, estranhos, pouco usuais, que incluem tensão e violência, a abertura do “corpo de risco”, e até mesmo o suporte de tecnologias digitais, com os procedimentos do xamanismo. São vivências outdoor, body art, inventadas ou experimentadas pela primeira vez pelo encenador, misturando vertentes, arriscando, sempre com cuidado e responsabilidade, trabalhando em um só processo ética e estética. Hoje, os exercícios podem ser refeitos e utilizados para diversos fins criativos.

também por esse xamanismo que Samira Br propõe o aumento da capacidade de observação, da sensibilidade e alteridade, relatando sua experiência prática que se mistura com os conceitos teóricos vivenciados naquela montagem. Aplicado ao processo criativo de um coletivo, tem como resultado “uma atuação regida pelas idiosincrasias pessoais”, nas palavras de Samira. E não apenas. É um processo criativo que oferece à cena uma qualidade específica no que se refere ao tempo, à densidade da experiência e ao envolvimento do público, pois transforma a coesão cênica.

Ao mesmo tempo em que aposta nas singularidades e naquilo que não é pasteurizado, a montagem de Ka possui forte caráter processual. É uma travessia que penetra o campo mítico, portais, egrégoras, vivencia os animais de poder. Também podemos entender melhor como o ritual e as práticas xamânicas podem estreitar a afinidade do teatro com a morte, ampliando o poder dessa relação. Esse namoro contínuo do teatro com a morte é sempre vivido no desconhecido, pois trata daquilo que ainda está por vir, do inesperado. O performer aqui descrito procura o “índice da potência metamórfica”.

A experiência xamânica foi acompanhada de forte pesquisa formal, sendo a escolha do texto de Khlébnikov um catalizador fértil e até didático. Samira não abandona esse aspecto formal da pesquisa e nos leva a entender uma máxima coheniana aqui muito bem colocada: “Considerar a linguagem como forma de feitiçaria”. Suas anotações de processo são importantes para o leitor atento às práticas de encenação na atualidade: “Trabalhar com índice (ícone) e não fechar as leituras. / Manter os múltiplos / Valorizar as formas/ Espaço e corpo instalados / Gestalt – cada hora um está protagonizando / Os outros são fundo, ou o cenário virtual fica em evidência”.

O envolvimento de Lynn Mario com o

teatro e a performance não é exclusivo a essa montagem, nem a esse grupo. Samira nos dá de presente uma bela e rara entrevista com ele, que cada vez mais nos surpreende com suas muitas vidas, sua força, sua capacidade de lidar com planos desconhecidos da existência e seu trato com o fogo e a morte.

A performance contemporânea solicita experiências nesse sentido: a construção de um ambiente de fluxo, junto à história e ao seu contexto. Criar sentido em um coletivo, dar um lugar na experiência histórica, para além de uma existência única e de uma coesão individual, é uma tarefa difícil. O xamanismo também se presta a isso. O teatro e outras formas artísticas devem aproveitar a proposta aqui descrita.

Renato Cohen apresenta-se também aqui como um artista da conexão entre as pessoas. Talvez uma das qualidades mais importantes seja a forma como seus estudos são praticados em coletivo, consideradas as dificuldades em estabelecer parcerias criativas e trabalhos em grupo. É explícito o processo em cocriação, co-poiesi, que cria autonomia e convida artistas de diversas mídias a operar em conjunto. Essa forma se desdobra até hoje no trabalho artístico de Samira, artista da prática. Uma das provas desse desdobramento é a presença de Regina Müller, e suas experiências antropológicas, como orientadora desta pesquisa. Confirma a fértil mistura dos estudos realizados entre Unicamp, PUC-SP e USP. Soma-se a isso o belo relato da passagem da vida estudantil para a vida profissional de Samira, que aqui se insinua em pequena retrospectiva de sua já longa jornada no ensino e pesquisa da performance. Hoje, sua cena multimídia e ritual apresenta esse cuidado com o processo, com a recepção e a estética que atualizam as formas da teatralidade contemporânea.

---

\* ANA GOLDENSTEIN CARVALHAES é atriz da Cia. Teatral Ueinz, pesquisadora da cena contemporânea e autora do livro *Persona Performática* (Perspectiva, 2012).